



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/ediitor:</b> Wendy Brown	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> <i>Walled States, Waning Sovereignty</i>	<b>Data da ficha:</b> Agosto 2018
<b>Editora:</b> Zone Books	
<b>Ano:</b> 2010	
<b>ISBN:</b> 978-1935408031	
<b>Páginas:</b> 184	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Segundo Brown, ao mesmo tempo que neoliberais, humanistas, cosmopolitas e ativistas de esquerda sonham com um mundo sem fronteiras, os estados-nação demonstram ter uma queda para a construção de muros. Paradoxalmente, numa era em que as armas são cada vez mais destrutivas (como resultado da sua potência mas também da sua mobilidade e do seu tamanho reduzido – corpos envoltos em fios e toxinas invisíveis), as pessoas protegem-se das forças intangíveis que as ameaçam construindo muros imponentes (pág. 20). Vivemos, diz a autora, num tempo de contradições: simultaneamente de abertura e isolamento, universalização e estratificação, em que poderes virtuais são combatidos com barricadas físicas. Estes muros não servem para proteger as nações de exércitos invasores, como antigamente, mas sim para travar o movimento de forças informais e subterrâneas e fluxos transnacionais não-estatais (não são apenas internacionais, entre nações).

No entender de Brown, vivemos num mundo que já não se rege pelas regras de Vestefália (que estabeleceu a rede de relações internacionais que hoje conhecemos), mas isso não quer dizer que a soberania dos estados-nação seja irrelevante (pág. 21). Dizer que a nossa era é pós-Vestefália não significa que deixamos o passado para trás mas que este condiciona o presente, apesar de ter havido uma rutura. Ainda que a soberania do estado-nação sempre tenha sido uma ficção, é uma ficção com muito poder, que tem afetado as relações internas e externas desses estados. No entanto, o controlo que os estados têm sobre estes fatores tem sido comprometido, durante os últimos cinquenta anos, pelo crescente fluxo de pessoas, capital, bens, violência e partidários de causas políticas e religiosas (pág.

22). Estes fluxos corroem as fronteiras que atravessam e cristalizam-se dentro delas como vetores de influência. O estado-nação tem também sido desgastado pela racionalidade neoliberal, que não reconhece qualquer fronteira à exceção daquelas traçadas pelos decisores económicos, que condicionam princípios legais e políticos assim como compromissos como a inclusão, a igualdade e a liberdade. Segundo Brown, o estado torna-se apenas um gestor da ordem económica, perdendo a sua soberania. Instituições como o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio também têm contribuído para esta situação. Em contrapartida, as forças que têm tentado preservar o estado-nação tendem a ser reacionárias. No entender da autora, o efeito conjunto de tudo isto não é o fim da soberania nem a emergência de uma era sem estados. Os estados e a soberania não entram meramente em declínio mas vão-se separando um do outro. As nações continuam a existir enquanto atores não-soberanos e várias das características da soberania reemergem precisamente em dois territórios que a Paz de Vestefália tentou conter: a economia política e a violência religiosa.

Contrariamente ao que dizem Michael Hardt e Antonio Negri (a soberania do estado-nação deu lugar a um império global) e Giorgio Agamben (a soberania exerce-se na produção da chamada “vida nua” – não sujeita a direitos plenos – que potencia guerras civis), Brown diz-nos que a soberania migrou para os campos do capital e da violência religiosa, as únicas forças que não obedecem a nenhum outro poder (pág. 23). Na terminologia de Carl Schmitt, tanto o capital como a religião são decisivos sem serem verdadeiros decisores (não lhes podemos atribuir subjetividade e intencionalidade, apesar da sua lógica ser discernível). Ainda que de forma pouco intuitiva, é o enfraquecimento da soberania estatal que tem levado à construção desenfreada de barreiras. Em vez de vermos a proliferação de muros como sinal da ressurgência dos estados-nação, devemos entendê-los como ícones da sua erosão. Apesar de se apresentarem como mostra da firmeza dos estados, como toda a hipérbole, resultam na verdade da sua insegurança.

Segundo Brown, a proliferação de barreiras entre as áreas ricas e pobres do mundo demonstram que as forças da globalização e do pós-colonialismo não podem ser contidas pela lei ou pela política. Os muros na fronteira dos estados articulam-se com outras barreiras e formas de vigilância, públicas e privadas, o que demonstra que policiamento interno e externo, polícia e aparelho militar, se vão tornando indistinguíveis. Exemplo disto é a tendência nos EUA para criminalizar e prender em vez de deportar imigrantes ilegais. A ironia é então que esta estrutura que é supostamente usada para separar o interior do exterior acaba por representar precisamente o oposto quando temos em conta esta complexa rede de relações.

No entender da autora, os novos muros funcionam de uma forma teatral (pág. 25), uma projeção de poder e eficácia que não possuem e que acabam por contradizer. Não podem de todo fazer frente aos sofisticados métodos de infiltração ou à dependência das nações na mão-de-obra barata que dizem querer banir. A performance teatral dos muros coloca em destaque aquilo a que elas aspiram (mas que está em falta): a dimensão teológica da soberania, o desejo de proteção absoluta.

## **1.2. Palavras-chave:**

Muros; Paz de Vestefália; Soberania; Neoliberalismo; Extremismo; Hipérbole; Performance;

**Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Brown, Wendy. *Walled States, Waning Sovereignty*. Massachusetts: Zone Books, 2017.